

Projeto de circo foi acusado de ser irregular

**Empresário lamenta o
excesso de burocracia**

Em 1989, o produtor cultural de Brasília Marcelo Amaral assistiu a uma grande exposição bilateral — Brasil e Japão — no Ginásio do Ibirapuera,

em São Paulo, toda montada dentro de um grande circo, que tinha uma lona de um canto a outro da quadra. Depois que a exposição foi desmontada, ele teve uma idéia: trazer a lona para Brasília e, com ela, montar uma casa de espetáculos.

“Vendi essa idéia para uma cervejaria muito famosa, que topou de pronto. Mas dois meses depois do projeto estar se concretizando, a imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo caiu de pau em cima do projeto, alegando que o GDF tinha cedido um terreno para esse empreendimento, sem licitação pública. E o projeto gorou. O terreno tinha sido cedido em regime

de comodato. A gente ia construir a infra-estrutura de banheiros, apenas. Mas a crise econômica e a burocracia do GDF mataram o projeto”, revelou.

Cinemas — Marcelo Amaral se diz “revoltado” com a carência de espaços culturais numa capital como Brasília. “Nós não temos uma casa de espetáculo ao estilo do Canecão, no Rio de Janeiro, por exemplo, embora tenhamos um público consumidor de cultura, com alto poder aquisitivo, tão numeroso — respeitando as proporções — quanto o público carioca. O governo não ajuda, mas existem alternativas: por que não transformar alguns cinemas

da cidade em casas de espetáculos, a exemplo do que ocorre no Rio e em São Paulo?”.

Paternalismo — Já Fernando Artigas assegura que além da “falta de visão de alguns empresários e do GDF, existe um certo tipo de paternalismo por parte do estado, que prefere ficar esperando ajuda de outros países, para reformar, por exemplo, o Teatro Galpãozinho, fechado para reformas há mais de dois anos. O GDF não pode dizer que não tem dinheiro para cultura, porque o Teatro Nacional Cláudio Santoro é auto-suficiente: cobra 15 por cento de cada espetáculo por noite, da renda bruta, e a gente não

sabe como e onde esse dinheiro é investido”.

“Será que o Teatro Nacional não é auto-sustentado? Ou o GDF usa esse dinheiro para pagar o funcionalismo público? Eu não sei. Por que o GDF não constrói uma grande casa de espetáculos? Ou a própria iniciativa privada? Públco é quem não faltaria. Quem tenta alguma solução alternativa, para este problema, termina esbarrando na burocracia estatal. Brasília não tem **pazzas** — praças para espetáculos grandiosos — a exemplo de outras capitais do mundo. Isso é incompreensível”, concluiu.